

BECCA FITZPATRICK

# hush, hush

Tradução de Alcinda Marinho

(...)Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, entregou-os às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo final(...).

II Pedro 2, 4

## Prólogo

*Vale do Loire, França  
Novembro de 1565*

Chauncey estava com a filha de um agricultor nas margens relvadas do Loire quando a tempestade irrompeu e, uma vez que deixara o cavalo vaguear livremente pelo prado, não tinha outro remédio senão regressar a pé ao castelo. Arrancando uma fivela de prata de uma das botas, colocou-a na palma da mão da rapariga e observou-a afastar-se a correr com passos ligeiros, com a lama a agarrar-se à bainha das saias. Depois puxou as botas para cima e dirigiu-se para casa.

Em torno do castelo de Langeais, cortinas de chuva varriam a paisagem campestre que se ia tornando gradualmente mais sombria. Chauncey avançou com facilidade sobre o húmus e as sepulturas do cemitério, que se haviam afundado abaixo do nível do chão. Mesmo com um nevoeiro cerrado era capaz de encontrar o caminho para casa a partir daquele ponto, sem nunca recear perder-se. Naquela noite não havia nevoeiro, mas a escuridão e a investida da água tornavam a paisagem suficientemente enganadora para os sentidos.

Chauncey detectou movimento na periferia do seu campo de visão e, num movimento brusco, voltou a cabeça para a esquerda. Aquilo que à primeira vista parecia ser um grande anjo encimando um monumento próximo de Chauncey ergueu-se em toda a sua altura. O rapaz não era feito nem de mármore nem de pedra; tinha braços e pernas. O tronco

estava despido, os pés descalços e as calças de camponês caíam-lhe da cintura. Desceu do monumento com um salto. A água da chuva escorria-lhe pelas pontas do cabelo e escorregava-lhe pelo rosto, de pele escura como a de um espanhol. A mão de Chauncey deslizou até ao cabo da espada.

– Quem vem lá?

A boca do rapaz esboçou um sorriso.

– Não brinque com o Duque de Langeais – advertiu Chauncey. – Pedi-lhe o nome. Diga-mo.

– Duque? – O rapaz encostou-se a um salgueiro. – Ou bastardo?

Chauncey desembainhou a espada.

– Retire o que disse! O meu pai era o Duque de Langeais. Agora, sou eu o Duque de Langeais – acrescentou, desajeitadamente, amaldiçoando-se por isso.

O rapaz abanou a cabeça com indolência.

– O teu pai não era o velho duque.

Chauncey ferveu de raiva perante o insulto escandaloso.

– E quem é o *teu* pai? – perguntou ao rapaz, apontando a espada. Ainda não conhecia todos os seus vassalos, mas estava a aprender. Gravar a alcunha deste rapaz na memória. – Vou perguntar-te de novo – disse em voz baixa, passando a mão pelo rosto para limpar a água. – Quem és tu?

O rapaz aproximou-se dele e desviou a espada para o lado. De repente, parecia mais velho do que Chauncey pensara, talvez mesmo um ano ou dois mais velho do que o próprio Chauncey.

– Sou da raça do Demónio – respondeu.

Chauncey sentiu uma guinada de medo no estômago.

– És um doido perdido – disse entre dentes. – Sai do meu caminho.

O solo por baixo dos pés de Chauncey inclinou-se. Erupções de dourado e vermelho emergiram por trás dos seus olhos. Curvado, com as unhas fincando-se nas coxas, olhou para o rapaz, pestanejando, arquejante, numa tentativa de compreender o que estava a acontecer. Perdera o controlo sobre a sua mente.

O rapaz agachou-se de forma a nivelar os olhos com os de Chauncey.

– Ouve-me com atenção. Preciso de uma coisa de ti. Não me vou embora até a conseguir. Estás a perceber?

Rangendo os dentes, Chauncey abanou a cabeça para exprimir a sua incredulidade – a sua resistência. Tentou cuspir no rapaz, mas a saliva escorreu-lhe pelo queixo: a língua recusava obedecer-lhe.

O rapaz apertou as suas mãos à volta das de Chauncey. O calor queimou Chauncey, fazendo-o gritar.

– Preciso que me jures vassalagem – disse o rapaz. – Dobra um joelho e jura.

Chauncey convocou a garganta para emitir um riso desagradável, mas a garganta apertou-se e o som ficou preso, engasgando-o. O seu joelho direito dobrou-se como se o tivessem pontapeado pelas costas, embora não houvesse ninguém atrás dele, e Chauncey tropeçou, caindo na lama. Dobrou-se de lado com vômitos.

– Jura – repetiu o rapaz.

O pescoço de Chauncey ardia de calor. Precisou de reunir toda a sua energia para fechar as mãos em dois punhos pouco ameaçadores. Riu de si mesmo sem ponta de humor. Não percebia como, mas era o rapaz que estava a provocar aquela sensação de náusea e de fraqueza dentro dele, que não passaria até Chauncey fazer o juramento. Diria o que tivesse de dizer, mas, no seu íntimo, jurou que aniquilaria o rapaz por aquela humilhação.

– Senhor, torno-me teu vassalo – disse, cheio de fel.

O rapaz ergueu-o.

– Encontra-te comigo aqui no começo do mês hebraico de Cheshvan. Vou precisar dos teus serviços durante as duas semanas entre a lua nova e a lua cheia.

– Durante... *duas semanas?* – O corpo de Chauncey tremia por inteiro sob o peso da sua raiva. – *Eu sou o Duque de Langeais!*

– Tu és um Nefilim – disse o rapaz, com um sorriso velado.

Chauncey tinha uma réplica blasfema na ponta da língua, mas engoliu o comentário. Um ódio gelado acompanhou as suas palavras seguintes.

– Que disseste?

– Pertences à raça bíblica dos Nefilins. O teu pai verdadeiro era um anjo caído do Paraíso. És metade mortal – os olhos escuros do rapaz ergueram-se, encontrando os de Chauncey – metade anjo caído.

A voz do preceptor de Chauncey emergiu dos recônditos da sua mente, lendo passagens da Bíblia, falando-lhe de uma raça desviante

criada quando anjos expulsos do Paraíso copularam com mulheres mortais. Uma raça poderosa e intimidante. Chauncey foi percorrido por um arrepio que não era bem de repulsa.

– Quem és tu?

O rapaz voltou-se e começou a afastar-se dele e, embora Chauncey quisesse ir no seu encalço, não conseguia fazer com que as pernas suportassem o seu peso. Ajoelhado, pestanejando por entre a chuva, viu duas cicatrizes grossas nas costas nuas do rapaz; convergiam, formando um “V” invertido.

– És um anjo caído? – lançou-lhe. – Arrancaram-te as asas, não foi?

O rapaz – o anjo – fosse ele quem fosse, não se voltou. Chauncey não precisou de confirmação.

– Este serviço que devo prestar – gritou Chauncey – exijo saber o que é!

O riso grave do rapaz ecoou pelo ar.

## Capítulo Um

*Coldwater, Maine*

*Presente*

O queixo caiu-me quando entrei na aula de Biologia. Misteriosamente pregada ao quadro via-se uma Barbie, acompanhada pelo Ken. Tinham-lhes interligado os braços e estavam nus, exceptuando algumas folhas artificiais colocadas em pontos estratégicos. Acima das cabeças dos bonecos, escrevinhado a giz cor-de-rosa grosso, lia-se o convite:

BEM-VINDOS À AULA DE REPRODUÇÃO HUMANA (SEXO)

– É exactamente por isto que a escola proíbe os telemóveis com câmara. Fotografias disto no nosso Boletim Informativo electrónico davam-me provas mais do que suficientes para fazer o Conselho Educativo acabar com a aula de Biologia. E depois ficávamos com esta hora para fazer qualquer coisa produtiva, por exemplo, receber explicações individuais de rapazes giros cheios de dinheiro – disse a Vee Sky, que se encontrava ao meu lado.

– Mas Vee – respondi –, era capaz de jurar que passaste o período inteiro à espera de darmos esta unidade.

Vee baixou as pálpebras e sorriu maliciosamente.

– Esta aula não me vai ensinar nada que já não saiba.

– A ti? Vee, com “V” de virgem?

– Não fales tão alto.

Piscou-me o olho no momento em que a campainha tocava, fazendo-nos ir sentar nos nossos lugares, que eram ao lado um do outro na mesma mesa.

O Treinador McConaughy agarrou no apito pendurado numa corrente à volta do pescoço e apitou.

– Aos lugares, equipa!

Como já todos sabíamos, para o Treinador ensinar Biologia ao 10.º ano era um prolongamento do seu trabalho como treinador da equipa de basquetebol universitária.

– A vocês, jovens, pode não ter ocorrido que o sexo é mais do que uma experiência rápida no banco de trás de um carro. É uma ciência. E o que é a ciência?

– Um tédio – comentou um aluno do fundo da sala.

– A única disciplina em que vou chumbar – disse outro.

Os olhos do Treinador percorreram a fila da frente, detendo-se em mim.

– Nora...?

– A ciência é o estudo de algo – disse.

O Treinador aproximou-se e espetou o dedo no tampo da mesa à minha frente.

– E que mais?

– É conhecimento adquirido através da experimentação e da observação.

Fantástico. Parecia que estava a fazer a audição para gravar um audiolivro do nosso manual.

– Diz isso pelas tuas próprias palavras.

Tocando no lábio superior com a ponta da língua, experimentei um sinónimo.

– A ciência é uma investigação.

Soou como se estivesse a fazer uma pergunta.

– A ciência é *mesmo* uma investigação – afirmou o Treinador, esfregando as mãos. – A ciência exige que nos transformemos em espões.

Dito assim, parecia quase divertido. Mas já tinha aulas com o treinador há tempo suficiente para não ficar com esperanças.

– Uma boa investigação requer prática – continuou.

– O sexo também – ouviu-se outro comentário do fundo da sala.

Tivemos de conter o riso enquanto o Treinador apontava o dedo a advertir o infractor.

– Isso *não* vai fazer parte do trabalho de casa de hoje.

O Treinador dirigiu a atenção de novo para mim.

– Nora, desde o início do ano que te sentas ao lado da Vee.

Acenei com a cabeça, com um mau pressentimento acerca do rumo que a conversa estava a tomar.

– Trabalham as duas no Boletim Informativo da escola.

Voltei a acenar.

– Aposto que sabem bastantes coisas uma da outra.

A Vee deu-me um pontapé por debaixo da mesa. Sabia o que ela estava a pensar: que o Treinador não fazia ideia da quantidade de coisas que sabíamos uma da outra. Não falo apenas dos segredos que escrevemos nos diários. A Vee é uma espécie de gémea-inversa minha. Tem olhos verdes, cabelo louro escorrido brilhante e é para o rechonchudo. Eu sou morena, com olhos escuros e um monte de cabelo encaracolado que resiste a qualquer ferro de alisar. E o que sobressai mais no meu corpo são as pernas, muito compridas, como os bancos dos balcões dos bares. Mas há um fio invisível que nos liga uma à outra. Ambas temos a certeza de que esta ligação começou muito antes de nascermos e de que se manterá até ao final das nossas vidas.

O Treinador olhou para a turma.

– Na realidade, aposto que cada um de vós conhece a pessoa sentada ao seu lado bastante bem. Houve uma razão para terem escolhido o lugar onde estão sentados, não é verdade? A familiaridade. É uma pena que os melhores detectives evitem a familiaridade. Enfraquece o instinto investigador. E é por isso que hoje vamos fazer uma redistribuição dos lugares.

Abri a boca para protestar, mas a Vee foi mais rápida.

– Mas que é isso? Estamos em Abril. *Hello!*, estamos quase no fim do ano. Não pode fazer uma cena destas agora.

O Treinador esboçou um sorriso.

– Posso fazer uma cena destas inclusive no último dia do período. E, se chumbares na minha aula, para o ano estás cá outra vez, e eu vou fazer esta cena toda outra vez.

A Vee olhou para ele franzindo as sobrancelhas. Este olhar dela é famoso; diz tudo, só lhe falta silvar. Mas, aparentemente imune, o Treinador levou o apito aos lábios. A situação estava bastante clara.

– Os alunos sentados à esquerda da mesa... quer dizer, à vossa esquerda... sentam-se um lugar mais à frente. Os alunos da fila de frente – isto inclui-te a ti, Vee –, recuam lá para trás.

A Vee enfiou o caderno na mochila e correu o fecho com fúria. Mordido o lábio e acenei-lhe um adeus rápido. Depois voltei-me ligeiramente, observando a sala atrás de mim. Sabia os nomes de todos os meus colegas de turma... excepto um. O rapaz que tinha vindo transferido. O Treinador nunca se dirigia a ele, e ele parecia preferir assim. Estava sentado relaxadamente uma mesa atrás da minha, com os olhos negros frios olhando em frente de maneira firme. Como sempre. Nem por um momento acreditava que ele se limitasse a sentar-se ali, dia após dia, a olhar para o espaço. Ele pensava em *alguma coisa*, mas o meu instinto dizia-me que, provavelmente, não ia gostar de saber em quê. O rapaz pousou o livro de Biologia na mesa e deslizou para a cadeira da Vee. Sorri.

– Olá. Sou a Nora.

Olhou-me de maneira penetrante com os seus olhos negros e os cantos da boca ergueram-se ligeiramente. O meu coração bateu nervosamente e, durante aquela pausa, uma sensação de trevas sombrias pareceu deslizar sobre mim como uma sombra. Desapareceu num instante, mas eu continuava a olhar para ele fixamente. O sorriso dele não era amigável. Era um sorriso que anunciava problemas. E que continha uma promessa.

Fixei os olhos no quadro. A Barbie e o Ken devolveram-me o olhar com uns sorrisos estranhamente alegres.

O Treinador recomeçou a falar.

– A reprodução humana pode ser uma questão melindrosa...

– Uiiii! – repetiu um grupo de alunos.

– Requer maturidade. E, como todas as ciências, a melhor abordagem é aprender através da investigação. Durante o resto da aula, pratiquem esta técnica descobrindo o máximo que puderem sobre o vosso novo colega de carteira. Amanhã, vão-me trazer um relatório das vossas descobertas, e podem crer que vou confirmar se fizeram o vosso trabalho a sério. Isto é uma aula de Biologia, não é Literatura, por isso nem pensem em inventar histórias. Quero ver interação e trabalho de equipa verdadeiros.

*Ou vão avir-se comigo* era a ameaça que estava implícita no tom do treinador.

Permaneci totalmente em silêncio. A bola estava no campo dele – eu já tinha sorrido, e dera no que dera. Franzi o nariz, tentando perceber ao que ele cheirava. Não era a cigarro. Era algo mais intenso, mais desagradável.

*Charuto.*

O meu olhar caiu sobre o relógio de parede e, batendo com o lápis no tampo, comecei a marcar o ritmo do ponteiro dos minutos. Pousei o cotovelo na mesa e apoiei o queixo na mão. Suspirei.

Fantástico. A este ritmo já estava chumbada.

Continuava a olhar fixamente em frente, mas ouvi o deslizar suave da caneta dele. Estava a escrever, e eu queria saber o quê. Dez minutos sentado ao meu lado não lhe davam o direito de tirar conclusões sobre mim. Desviei o olhar para o lado e vi que tinha escrito várias linhas e que o texto continuava a aumentar.

– Que estás a escrever?

– E ela fala inglês – disse, escrevendo isto na folha, com movimentos ao mesmo tempo suaves e negligentes.

Inclinei-me na sua direcção o máximo que me atrevi, tentando ver que mais tinha escrito, mas ele dobrou a folha ao meio, escondendo a lista.

– Que escreveste? – perguntei.

Estendendo a mão, agarrou na minha folha de papel em branco, fazendo-a deslizar para o seu lado da mesa. Depois, amarrotou-a numa bola e, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, atirou-a para o cesto de papéis ao lado da secretária do Treinador. A bola entrou. Olhei para o cesto por um momento, presa entre a incredulidade e a fúria. Depois abri o meu caderno noutra página em branco.

– Como te chamas? – perguntei, com o lápis pronto para escrever.

Olhei para cima a tempo de lhe apanhar outro sorriso sombrio. Este parecia desafiar-me a extrair algo dele.

– Como te chamas? – repeti, esperando que fosse só na minha imaginação que a minha voz tremia.

– Chama-me Patch. A sério. *Chama-me.*

Piscou o olho enquanto dizia isto e tive a certeza de que estava a gozar comigo.

– Que fazes nos teus tempos livres? – perguntei.

– Não tenho tempos livres.

– Parto do princípio de que este trabalho conta para a nota, por isso, podes fazer-me um favor?

Recostou-se para trás na cadeira, cruzando as mãos por trás da cabeça.

– Que tipo de favor queres que te faça?

Tive a certeza de que isto era uma insinuação e tentei lembrar-me de uma maneira de mudar de assunto.

– Nos tempos livres... – repetiu Patch, pensativamente. – Tiro fotografias.

Escrevi *Fotografia* na minha folha.

– Não acabei – disse ele. – Já tenho uma colecção jeitosa de uma colaboradora do Boletim que acredita na comida orgânica, escreve poesia em segredo e treme diante do dilema de ter de escolher entre as universidades de Stanford, Yale e... qual é aquela grande, que começa por um “H”?

Olhei para Patch uns instantes, perturbada por ele ter acertado em tudo. Não me pareceu que fosse sorte. Ele *sabia*. E eu queria saber como sabia – naquele preciso momento.

– Mas vais acabar por não ir para nenhuma delas.

– Não vou? – perguntei, sem reflectir.

Enfiou as mãos por baixo do assento da minha cadeira, agarrou-o e puxou-me para mais perto dele. Sem saber se devia afastar-me e mostrar medo ou não reagir e fingir-me aborrecida, optei pela segunda atitude.

– Eras capaz de te sair bem em qualquer destas três universidades, mas sentes desprezo por elas, por serem um estereótipo do sucesso. Fazer julgamentos é o teu terceiro maior defeito.

– E qual é o segundo? – perguntei, com uma raiva silenciosa. Quem era este tipo? Isto era algum género de partida doentia?

– Não sabes confiar. Retiro o que disse. Tu confias... mas sempre nas pessoas erradas.

– E o primeiro? – exigi.

– Tu limitas a vida.

– E o que quer isso dizer?

– Tens medo daquilo que não consegues controlar.

Sentia os cabelos da nuca em pé e a temperatura da sala pareceu descer. Normalmente, teria ido direita ao Treinador e pedido uma mudança de lugares. Mas recusava-me a deixar o Patch pensar que me podia assustar ou intimidar. Sentia uma necessidade irracional de me defender e, naquele preciso instante, decidi que não ia recuar até ele recuar.

– Dormes nua? – perguntou-me.

Estive quase a abrir a boca de espanto, mas consegui controlar-me.

– Dificilmente te diria isso a ti.

– Alguma vez foste a um psiquiatra?

– Não – menti. Na verdade, andava a ter consultas com o psicólogo da escola, o Dr. Hendrickson. Não era por escolha minha, e também não era um assunto de que gostasse de falar.

– Já alguma vez fizeste alguma coisa ilegal?

– Não – infringir o limite de velocidade de vez em quando não contava. Não com ele.

– Porque não me perguntas algo normal? Por exemplo... de que música gostas mais?

– Não te vou perguntar aquilo que consigo adivinhar.

– Tu *não* sabes que tipo de música ouço.

– Barroca. Em ti, tudo tem a ver com a ordem, o controlo. Aposto que tocas... violoncelo? – disse isto como se tivesse adivinhado ao acaso.

– Errado – outra mentira, mas esta fez com que a minha pele fosse percorrida por um arrepio que me provocou um formigueiro nos dedos. Quem era *realmente* esta pessoa? Se sabia que eu tocava violoncelo, que mais saberia?

– Que é isso? – Patch tocou com a caneta na parte de dentro do meu pulso. Afastei-me instintivamente.

– Um sinal de nascença.

– Parece uma cicatriz. Tens tendências suicidas, Nora?

Os seus olhos encontraram os meus e podia senti-lo a rir por dentro.

– Pais casados ou divorciados?

– Vivo com a minha mãe.

– Onde está o teu pai?

– O meu pai morreu no ano passado.

– Como é que ele morreu?

Estremeci.

– Foi... assassinado. É um assunto um bocado pessoal, se não te importas.

Houve um momento de silêncio e a aspereza dos olhos de Patch pareceu suavizar-se um pouco.

– Deve ser difícil – parecia sincero. A campainha tocou e, logo a seguir, Patch estava de pé, a caminho da saída.

– Espera – chamei. Não se voltou.

– Desculpa lá!

Já estava a passar a porta.

– Patch! Não tenho nenhuma informação tua!

Virou-se e veio na minha direcção. Agarrando-me na mão, escreveu-me algo nela antes que eu tivesse tempo de pensar em puxá-la. Olhei para os sete números escritos a tinta vermelha na palma da minha mão e fechei o punho. Queria dizer-lhe que não havia hipótese nenhuma de o telefone dele tocar esta noite. Queria dizer-lhe que a culpa era dele, que tinha gasto o tempo todo a interrogar-me a mim. Queria muitas coisas, mas limitei-me a ficar ali de pé como se nem soubesse falar.

– Hoje à noite estou ocupada – disse, por fim.

– Eu também – sorriu com a boca toda e foi-se embora.

Fiquei pregada ao chão, a digerir o que acabava de acontecer. Ele tinha gasto todo o tempo a fazer-me perguntas de propósito? Para eu não conseguir terminar o trabalho? E pensava que um sorriso rasgado ia compor tudo? *Sim*, pensei. *Sim, era o que ele pensava.*

– Não te vou ligar! – atirei, nas costas dele. – Nem agora, nem nunca!

– Acabaste a tua coluna de amanhã para o Boletim?

Era a Vee. Apareceu ao meu lado, a tomar notas no bloco que levava com ela para todo o lado.

– Estou a pensar escrever a minha sobre a injustiça da redistribuição dos lugares. Fiquei sentada ao lado de uma rapariga que me disse que acabou um tratamento para os piolhos esta manhã.

– É o meu novo colega – disse, apontando na direcção do corredor, para as costas de Patch. Caminhava com uma confiança irritante, como habitualmente se vêem fazer os *cowboys*. Contudo, Patch não usava nem chapéu de *cowboy*, nem as *t-shirts* deslavadas que eles costumam usar. As roupas dele – calças, botas, etc. – eram normalmente escuras.

– O repetente que veio transferido? Não deve ter estudado que chegasse da primeira vez. Nem da segunda. – Lançou-me um olhar de especialista. – À terceira é de vez.

– Dá-me arrepios. Sabia de que música gosto. Sem eu lhe dar pistas nenhuma, disse ‘barroca’. – Esforcei-me por imitar a sua voz grave, mas com poucos resultados.

– Teve sorte no palpíte?

– Ele sabia... outras coisas.

– Como, por exemplo...?

Suspirei. Ele sabia mais do que eu me sentia à vontade para admitir.

– Por exemplo, a maneira de me perturbar – respondi, por fim. – Vou dizer ao Treinador que tem de nos mudar de lugar.

– Vai em frente. Dava-me jeito um chamariz desses para o meu próximo artigo para o Boletim: “Aluna do 10.º ano contra-ataca”. Ou melhor: “Golpe na redistribuição de lugares”. Hum, soa-me bem.

No final, quem apanhou o golpe fui eu. O Treinador deitou por terra o meu pedido para mudar de lugar. Aparentemente, estava condenada a ficar com o Patch.

De momento.